Preço 1$00 Quinta feira, 10 de Outubro de 1957 Ano III - N.º 134

Semanário

A PROVÍNCIA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ALVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

Exmo. Sr.
Manuel Cirvalles da Silva
RIO FRIO

PROBLEMAS DO TURISMO

I

JULGO oportuno, agora que regresso duma viagem turística por Espanha, França, Itália e Suiça, fazer no jornal que dirijo algumas considerações acerca dessa viagem e dos problemas que se depararam à minha observação, porventura insatisfeita.

Os problemas do turismo estão ocupando, no momento presente, as atenções gerais dos vários países, nomeadamente daqueles que confiam a sua reconstituição e melhoria de vida ao incremento, sempre em marcha, dessa verdadeira indústria.

Por
ÁLVARO VALENTE

É notável, como por exemplo, em Espanha, a influência que o turismo tem exercido nessa reconstituição, observando-se de ano para ano a tranformação que essa fonte de receita opera nas localidades e até nos aspectos da convivência diária, entre nativos e estrangeiros.

As vantagens do turismo não têm, portanto, discussão.

Quando abordo este assunto, porém, só esporàdicamente me quero referir a estas afirmações dogmáticas para as correlacionar com Portugal e os portugueses.

Pretendo apenas mostrar o que a minha observação me deu a conhecer, para esclarecimento e preparação dos que me sucederem nessas visitas, tão proveitosas para os que vão... e também para os que lá estão.

Por outro lado, pretendo ainda oferecer algumas considerações de ordem comum, no que respeita a pormenores e a deficiências desagradáveis, possìvelmente fáceis de remediar.

Não hesitarei em afirmar, logo de entrada, que os portugueses não são tratados em parte alguma como costumam tratar em sua casa os que a visitam.

Há ainda um grande desconhecimento do nosso país e do nosso povo, nos países ocidentais.

Julgam Portugal uma província de Espanha e pensam que somos espanhóis. Outras vezes tomam-nos por italianos, e ficam extáticos quando indicamos a nossa nacionalidade.

Visitei há pouco tempo um museu onde estava um mapa do mundo. Nele não figurava Portugal e a Espanha começava no cabo de S. Vicente e ia até as fronteiras francesas!

Indignei-me, protestei, e o homenzinho que estava a fazer de cicerone (?) respondeu-me:

Assim é que é. O mapa está certo.

Em Pàdua, por exemplo, ainda se continua a dizer que Santo Antònio ali nasceu e entre as bandeiras que se vêem não figura a de Portugal.

Em várias cidades e em vários estabelecimentos se afixam letreiros anunciando que se fala francês, inglês, alemão, etc.. Em nenhum, porém, se anuncia que se fala português. Isto é principalmente notável em Espanha, onde os turistas portugueses são às centenas, para não dizer aos milhares.

Num restaurante, em Lourdes, perguntámos se tinham vinho do Porto.

Responderam-nos com esta pergunta formidável:

— Do Porto de Barcelona? Temos, sim senhor.

E seria «um nunca acabar» de citações.

Isto serve para acentuar a diferença de tratamento e a necessidade que há de, por intermédio das Delegações do Turismo, tornar o nosso país mais conhecido e aproximá-lo insistentemente dos outros.

TOMAR e as suas belezas naturais e históricas

VISTAS PELO JORNALISTA

UM ARTIGO DE
Aníbal Anjos

Afirmar que Tomar é um lugar obrigatório de peregrinação histórica, é uma verdade. Contudo, a linda cidade extremenha não nos encanta apenas por esse facto, com essa verdade, razão à primeira vista primordial da sua existência nos itinerários turísticos, mas muito principalmente pelos encantos da sua paisagem exuberante, pela sua situação progressiva e pela lhaneza e hospitalidade do seu povo.

A par de tudo, a sua situação progressiva encanta o forasteiro desde o primeiro contacto com a linda cidade do Nabão, onde os «carneiros» a que o povo vulgarmente chama «rodas», cantam melodias embaladoras que constituem uma espécie de associação da cidade com a campina, do citadino com o rústico.

Se a Arte e a História de Tomar são factos incontestáveis, mormente no que se refere ao vetusto Convento de Cristo com o seu estilo manuelino, que nos maravilham, a calma repousante que se disfruta através das suas artérias largas e asseadas, com modernìssimos estabelecimentos, sobrepõe-se, por vezes, a tudo o que de melhor ali possamos encontrar de artístico e de histórico.

O jornalista ou o forasteiro que desembarca em Tomar sente-se como que atraído por aquela palavra mágica, que é o progresso da cidade.

Nos tempos actuais uma cidade ou um local cheios de monumentos, mas sem condições de turismo, difìcilmente poderá interessar, a não ser aos investigadores de arqueologia e de história.

Claustro do «cemitério» do Convento de Cristo

Àparte o que digo quanto ao progresso, só o bucolismo da paisagem pode, de qualquer modo, sobrepor-se a uma deficiência de condições turísticas que, afinal de contas, não é o caso de Tomar, porquanto esta cidade possui-as e tudo isso me tem levado até lá muitas vezes.

E no momento em que traço estas despretenciosas linhas, evoco com prazer as minhas deambulações pelas suas artérias, a narrativa atraente do guarda do Convento sobre a «lenda dos 38», das ordens dos Templários e de Cristo, ou o murmúrio cantante das águas do Nabão, o Mouchão e o seu lindo Porque onde, nas noites cálidas de verão, disfrutamos a exibição de *filmes* ao ar livre.

Quantas vezes passei horas esquecidas olhando as lavadeiras nas margens do Nabão, ali dentro da própria cidade, batendo a roupa nas pedras do rio, cantando alegremente, outras vezes contemplando a beleza original da vista geral da cidade, com o enredado do seu casario imaculado, ou ainda a beleza indizível da janela manuelina do Convento de Cristo!

E quando a noite cai, envolvendo a cidade no manto negro, vou terminar esta minha peregrinação no aconchego de qualquer dos seus confortáveis «cafés» ou restaurantes, enquanto no decorrer de um repasto frutal Tomar, a cidade dos Templários e dos cavaleiros de Cristo, passa em caleidoscópio pela minha retina de jornalista essencialmente regional, ávido de sensações novas de paisagem, de novos horizontes.

Certa vez, a primeira em que cheguei a Tomar, caí em pleno cortejo de oferendas.

(Continua na página 5)

Unidade da Imprensa

Por - Alfredo Cândido

Antes de 1925, quando o autor do que se contém nestas linhas voltou ao Rio de Janeiro, já era largamente conhecido, a par das ruidosas manifestações políticas da colónia portuguesa, o desprestígio que se reflectia apaixonado sobre a terra que à distância mais grave se afirmava. No entanto, alguns nomes de jornalistas e prosadores que lá encontrei, amigos prematuramente levados pela morte, deixaram na terra acolhedora o sulco brilhante dos seus passos, permanecendo intacta a sobrevivência de ideias e sentimentos comuns de raça, de história e de unidade, princípios que foram sempre, e hoje mais do que nunca, a garantia da nossa existência.

Tem sido este o objectivo do Governo da Nação, procurando manter e assegurar o sentido de unidade como base consistente de vida, serena, justa, estável, a bem da paz e da ordem, desejados pelo mundo na incerteza do destino.

O recente despacho do sr. Ministro das Corporações, alargando às províncias ultramarinas o âmbito do Sindicato Nacional dos Jornalistas, foi mais um passo dado com o fim de atingir essa unidade na vida associativa, da qual, a imprensa, deve constituir pela acção e directa influência sobre o públíco em benefício da ordem, da educação e cultura, dentro do Estado Corporativo, o mais apreciável exemplo.

Posteriormente, o notável jornalista em artigo de fundo do «Diário de Notícias», de 7 de Setembro, aplaudindo a deliberação do sr. Dr. Veiga de Macedo, foi de parecer que «*o Sindicato Nacional dos Jornalistas adquiriu o direito de ser verdadeiramente nacional, por abranger sem limitações geográficas, todos os que exercem a profissão de escrever em jornais em qualquer parte do território português*».

Cremos não haver dúvida em afirmar que, o despacho ministerial e as palavras do «Diário de Notícias», têm o aplauso de toda a Imprensa Regional, a que usam chamar a «Pequena Imprensa».

Ela exerce uma função altamente apreciável: modesta, pelo limite de receitas que as possibilidades da província determina, mas gloriosa. isenta de grandes ambições,

(Continua na página 5)

MONTIJO

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, ás 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 - MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 4 8649

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça
Av. Luís de Camões - MONTIJO
Telef.s 026 502 - 026 465 - 026 012

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Chorneiro Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra
R. José Joaquim Marques — N.º 231
MONTIJO

Armanda Lagos
Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR
Ex-estagiária das Maternidades de Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 026038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Organizações Progresso

Oiçam todas as 3.as feiras às 13 horas, através do Clube Radiofónico de Portugal, o programa «REVISTA DESPORTIVA», uma produção de Fernando de Sousa, com o patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que se fala do desporto e a favor do desporto. Brevemente no ar o programa TOUROS, TOUREIROS, E TOURADAS — um programa em que se diz a verdade sobre Festa Brava. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso
Trav. da Bica aos Anjos, 27-1.º
Telef. 731315 LISBOA

Telefones de urgência

Hospital, 026 046
Serviços Médico Sociais, 026 198
Bombeiros, 026 048
Taxis, 026 025 e 026 479
Ponte dos Vapores, 026 425
Polícia, 026 144

Ateneu Popular de Montijo

A Direcção do Ateneu Popular de Montijo está empenhada em estabelecer o seu programa escolar para o próximo ano lectivo de 1957/1958, o qual deve corresponder em mérito às honrosas tradições da popular colectividade.

Nesta ordem de ideias, encontra-se aberta na sede do Ateneu, rua de Almirante Reis, 39-1.º, nesta vila, a inscrição para as aulas de instrução primária (1.ª a 4.ª classe), dactilografia e inglês, a cargo de competentes professores. As classes funcionam à noite, pois que se destinam especialmente a adultos com os dias tomados pelo trabalho, e terão provàvelmente início a partir do próximo dia 7 do corrente.

Consta-nos que a Direcção tenciona também efectuar em data próxima uma sessão solene de abertura do ano lectivo, compreendendo provàvelmente uma palestra e projecção de *filmes* culturais.

Ao dar a lume estas notícias, não podemos deixar de apelar para o brio e amor-próprio de todos aqueles que na nossa terra tanto carecem de cultura intelectual, aconselhando-os a procurar, através das classes do Ateneu Popular de Montijo, aquele mínimo de conhecimentos capaz de os tornar profissionais mais competentes e cidadãos mais úteis à sociedade.

Temas de Intercâmbio Cultural

A AMIZADE GALAICO-MINHOTA

Pelo Prof. José Manuel Landeiro

«A Galiza mais o Minho
São como dois namorados
Que o rio traz separados
Quase desde o nascimento.
Deixá-los, pois, namorar
Já que os pais, para casar,
Não dão consentimento».

Pelo que tivemos ocasião de saber e verificar, durante os dias que passámos em Braga, a linda e encantadora capital do Minho e primitiva capital da Galiza, por ocasião do Colóquio Bracarense de Estudos suevo bracarenses, entre a Galiza e o nosso Minho existem laços bastante apertados, não só no que diz respeito a turismo como no campo da cultura do espírito. Entre estas duas províncias de paredes meias, existem laços de verdadeira amizade que as unem irmãmente. Estamos perfeitamente convencidos de que o estreitamento de relações culturais se devem ainda mais encarreirar, num futuro bem próximo, mais sob o ponto de vista cultural do que turístico, ou, pelo menos, que um deva andar de par com outro. Todos os vianenses com mais de três décadas de anos se lembram do intenso intercâmbio cultural que, há umas dezenas de anos atrás, se estabeleceu entre Viana e Galiza, mercê das actividades do Instituto Histórico do Minho, credor de tantos serviços prestados à cultura regionalista.

Antes da guerra civil, em Espanha, estavam planeadas outras iniciativas por parte dum grupo de jornalistas e escritores de Viana do Castelo, principalmente no campo artístico, e só aquele movimento espanhol pôde impedir tal realização.

Nos últimos anos, tem-se notado uma revivescência desse antigo espírito de amizade e mútuo entendimento, mas tudo isso se tem limitado a visitas, sem outras consequências que não sejam a de estabelecer relações, o que é muito e de muito interesse. Ainda não há muito que, por exemplo, Viana foi visitada pelos presidentes das Câmaras da Galiza, e todos os vianenses se recordam do que foi essa jornada de magnífica confraternização.

Todos se lembram da presença da «palavra de oiro» de Otero Pedrayo, quando do Congresso etnográfico, efectuado em Braga, em Junho de 1956, e ainda da nobre figura no campo etnográfico de Figuera Valverde. Todos os que assistiram ao «*Colóquio Bracarense* de Estudos Suevo-Bizantinos», efectuado em Braga, de 6 a 10 de Junho, são unânimes do brilho que lhes deram os ilustres historiadores Otero Pedrayo, D. José Maria Pareda Alvarez, Dr. Luís Bouza Brey Trillo, Dr. Angel del Castillo Lopez, Dr. António Molimoro Perez, P. Dr. Aquilino Iglésia Alvariño, Dr. Jemo Ferro Conselo, Dr. D. Jemo Taboada Chinita, Prof. Dr. Abelardo Moralejo Laso e o General D. Nicolás Benevides Moro. Temos a certeza que da parte portuguesa, em nada se tem correspondido às solicitações dos sábios Galegos. Dentro em dias, Viana vai a enviar a Vigo uma embaixada de calor de simpatia. Galiza e o Minho têm muito a dizer uma à outra, mesmo sem parafrasear os versos de João Verde.

Corpo de Deus de 1957

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

As vítimas do dever

Em Janeiro de 1900 o jornal «A Voz do Operário», propriedade da Associação do mesmo nome, que tantos e tão grandes benefícios tem conseguido para os trabalhadores portugueses, exercendo ao mesmo tempo uma notável acção educativa e cultural na sua massa associativa, publicava uma interessante crónica intitulada «As vítimas do dever», onde, após várias considerações acerca do amparo que o Estado devia porporcionar a dois homens de ciência, que faleceram devido a doenças que contraíram no exercício da sua profissão, dizia o seguinte:

«O médico que morre, vitimado em consequência do amor pela humanidade no exercício do seu dever profissional, afrontando os perigos de contágio ou de inoculação é, sem dúvida, digno não só de que a sua memória seja glorificada, mas que aos seus descendentes lhes assegurem meios de subsistência; mas os operários que morrem em consequência dum desastre, no exercício da sua profissão, também são dignos de que a sua memória seja glorificada e de que os seus descendentes ou ascendentes, de que eram o amparo, não fiquem no extremo da miséria, expostos à fome; e se o Estado encontra meios com que pode e deve retribuir de certo modo o grande sacrifício dos mártires pela ciência, também os deve encontrar para retribuir o sacrifício dos operários que morrem por efeito de desastres no trabalho.

O pedreiro, o carpinteiro o servente, ou outro qualquer artífice, que é despenhado de um andaime e fica pelo efeito da queda com o crâneo esmigalhado, é uma vítima não menos digna de lamentações do que o sábio que falece vitimado pelo cumprimento da sua missão.

E o mesmo acontece com o maquinista nos caminhos de ferro com o marinheiro a bordo, com o mineiro laborando nas minas, com todos, enfim, que trabalham, que são úteis à humanidade».

Este delicado e importante assunto, é duma actualidade flagrante. Quantos e quantos indivíduos hoje em dia arriscam a sua vida para bem desempenhar a missão que lhes foi confiada, ou que voluntàriamente abraçaram para servir o seu semelhante, e dum momento para o outro são atingidos por uma fatalidade, deixando os seus familiares, dos quais eram o único amparo, completamente desprovidos de quaisquer recursos e consequentemente em difíceis condições.

Eis porque todos aqueles que prestam os serviços a outrém deveriam ter convenientemente assegurado um sistema de previdência para, no caso de serem vítimas do cumprimento dos seus deveres profissionais, não deixarem aqueles que dependem de produto do seu trabalho em condições dramáticas.

Esta medida, além de justa e humana, era, também, a dignificação do próprio trabalho.

Desastre de viação

No dia 1 do corrente, pelas 23 e 30, à entrada do sítio da Atalaia, uma camioneta com cortiça, pertencente à firma Manuel de Brito Júnior, de Alhos Vedros, depois de derrubar um marco da estrada, voltou-se. Do desastre resultou fractura dum braço ao motorista Manuel Arquimínio, casado, de 46 anos, e ferimentos nos ajudantes Custódio Guerra, de 34 anos, e Isidoro António, de 22.

Os feridos são todos daquela vila.

Foram tratados no Posto clínico da Moita, não tendo, sequer, passado por Montijo, nem entrado, portanto, no nosso hospital, ao contrário do que se noticiou.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

AGRADECIMENTO

A família de Gertrudes de Jesus Martins de Barros, não querendo ferir a reconhecida modéstia do distinto médico, sr. Dr. Avelino José da Rocha Barbosa e do dedicado enfermeiro sr. Antero Lúcio Brotas, pelo que pede desculpa; não pode, no entanto, deixar de testemunhar, publicamente, a sua gratidão imensa, pela maneira proficiente, carinhosa e desinteressada, com que trataram a sua saudosa extinta, durante a longa doença que a vitimou.

AGRADECIMENTO

A família de Gertrudes de Jesus Martins de Barros, na impossibilidade de o fazer, por desconhecimento de moradas, individualmente, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo estado da sua saudosa extinta e a acompanharam à sua última morada.

Beliscões

Quero contar-vos, senhores,
O sonho que então sonhei
A noite passada.
Não vos darei pormenores,
E apenas vos contarei
Em resumo, a patuscada.

Havia uma piscina
Perto dum jardim.
E a mocidade ladina,
Num verdadeiro festim,
Pulava e nadava,
Saltava e cantava,
Muito satisfeita.
Eu também me banhava
E lavava
Em graça perfeita.

Montijo tinha, afinal,
Mais este melhoramento.
E eu, também todo jovial,
Bendizia o pensamento.

Vai senão quando, com mágoa,
Senti a fatalidade.
Foi-se embora toda a água
E ficámos na seca realidade!

Acordei espavorido,
E aturdido,
Em busca da minha roupa.
E, caso nunca visto,
Nem previsto —
Estava todo numa sopa!...
E a minha piscina,
— A cama divina
Da soneca abençoada —,
Estava toda molhada!...

Homem ao mar

«A Província» - N.º 134 - 10-10-57

Anúncio

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Montijo e 1.ª Secção se faz saber que foi requerida a adjudicação do prédio adiante citado, pela importância de 12.000$00, penhorados nos autos de Exec. de Sentença que Artur Fernandes Alves Ribeiro, casado, proprietário, residente em Lisboa move contra os executados JOSÉ MARIA FLAMBÓ MAGNO e esposa DEOLINDA NOGUEIRA MAGNO e ÁLVARO PEDRO DURÃO, de harmonia com o disposto no artigo oitocentos e setenta e cinco do Código do Processo Civil.

Imóvel

Um prédio urbano de rés do chão e 1.º andar, situado no Largo do Poço da Vila da Moita, desta comarca, descrito na conservatória do Reg. Predial sob o n.º 7637 a fls. 101 V.º do Livro B-20 e inscrito na matriz urbana da freg da Moita sob o art. 40.º com o valor matricial corrigido de 23.328$00.

Montijo, 3 de Outubro de 1957

VERIFIQUEI A EXACTIDÃO

O Juiz de Direito,

a) *Octávio Dias Garcia*

O Chefe de Secção

a) *António Paracana*

5 de Outubro

Ao contrário do que anunciámos, e nos fora comunicado por um Director, a Banda Democrática 2 de Janeiro sempre saiu na noite de 5 de Outubro, dando volta à vila e cumprimentando as autoridades.

Ainda bem.

No mais, foguetes e morteiros, bandeiras nos edifícios públicos e iluminações dos mesmos por essa noite aniversitária.

E mais nada digno de registo.

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

OUTUBRO

— No dia 3, fez anos a menina Maria dos Anjos Baptista, residente em Faro, sobrinha do nosso estimado assinante sr. José Victor.

— No dia 8, completou os seus 44 aniversários, a sra. D. Maria da Conceição Viegas, esposa do nosso dedicado assinante, sr. Manuel Correia, encarregado geral da fábrica M. F. Afonso Ld.ª.

— No dia 9, o menino Manuel José Pascoal Pereira Martins, sobrinho e afilhado do nesso estimado assinante sr. José Augusto dos Santos.

— No dia 12, o menino Joaquim Manuel Valador Baliza, nètinho da senhora D. Balbina Izaura Pialgata, nossa estimada assinante.

— No dia 13, a sr.ª D. Lídia Cardeira Relógio, nossa prezada assinante.

— No dia 13, o sr. José António de Sousa, nosso dedicado assinante.

— No dia 14, a sr.ª D. Carmem Ramos Dias Correia, esposa do nosso dedicado assinante, sr. José Alves Correia.

— No dia 15, a sr.ª D. Silvina Augusta da Silva, mãe do nosso estimado assinante sr. Fernando Augusto da Silva Vale.

— No dia 15, completa as suas 18 risonhas primaveras a menina Maria Palmira Caetano Moreira, filha da nossa dedicada assinante, sr.ª Viuva de Fernando Luís Moreira.

— No dia 15, o sr. Manuel Pancão Cola, completa os seus 22 aniversários, — filho da sr.ª Juvenália Gomes Pancão, nossa dedicada assinante.

— No dia 13, completa 2 anos o menino Bill Joseflh Smith.

— No dia 15, completa 4 anos o menino Richard A. Smith Júnior.

— No dia 16, completa 22 anos a sra. D. Natalina Pascoal Smith, todos residentes na América, nètinhos e filha da sra. D. Lídia Pascoal Pereira, nossa dedicada assinante.

Concurso Hora Feliz

O relógio deste formidável Concurso, que a Relojoaria e Ourivesaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, vem a realizar, parou esta semana nas

6 horas e 7 minutos.

Foi contemplada a sr.ª D. Maria Augusta Nobre, de Sarilhos, que tinha o cartão com a hora exacta.

MONTIJO e os melhoramentos a inaugurar

Consoante as informações que nos prestam, podemos hoje informar os nossos leitores do que está projectado para o dia 20 do corrente, — o «Dia de Oiro» de Montijo, como já lhe ouvimos chamar.

O sr. Ministro do Interior desloca-se à nossa terra por via marítima, devendo chegar pelas 10 horas.

Dentre as manifestações que se preparam, destaca-se uma concentração de barcos de pescadores, junto ao cais.

Seguidamente, o sr. Ministro do Interior e sua comitiva dirigem-se ao Mercado Central, que nessa ocasião será inaugurado, depois ao Dispensário Anti Tuberculoso, e por fim ao Cinema Joaquim de Almeida, — dois melhoramentos também assim inaugurados.

— No Teatro Cinema Joaquim de Almeida realizar-se-á uma sessão de «boas vindas», usando da palavra vários oradores.

O sr. Ministro e comitiva retiram, após estas cerimónias, para Setúbal.

Pela tarde haverá toirada e à noite espectáculo de gala no Teatro-Cinema inaugurado.

Tudo se conjuga, portanto, para que o Dia 20 de Outubro de 1957 fique memorável na história progressiva da nossa laboriosa vila.

Desastre de viação

No passado sábado, dia 4 do corrente, pelas 17 horas, junto ao apeadeiro de Sarilhos, quando o sr. Manuel Feliciano Canastreiro, de 46 anos, casado, gerente industrial, natural de Montijo, e nosso estimado assinante, seguia de furgoneta e a voltava para uma estrada que fica na esquerda, o motociclista Francisco Isidro Caeiro dos Santos, solteiro, 1.º cabo da Base Aérea N.º 6, foi chocar com a traseira daquele veículo.

O motociclista sofreu fractura da perna esquerda, e escoriações pelo rosto, e o passageiro, Joaquim Maria Montes, de 24 anos, também 1.º cabo da Base Aérea N.º 6, teve forte traumatismo na região cervical.

Transportados ao hospital subregional de Montijo, onde foram pensados, seguiram imediatamente na ambulância da Base Aérea N.º 6 de Montijo para o hospital da Estrela, em Lisboa.

O motorista foi enviado ao tribunal.

O chefe do Posto da P. V. T. tomou conta da ocorrência.

Gripe asiática

Continua grassando em Montijo, com certa virulência, esta gripe, havendo famílias inteiras atacadas.

Felizmente, o seu aspecto é sempre benigno, não havendo qualquer caso fatal a lamentar.

Fazemos votos para que o flagelo passe ràpidamente e deixe o povo montijense seguir na sua laboriosa vida.

«A Província» - N.º 134 - 10-10-57

Anúncio

1.ª publicação

Faz-se público que pelo Juízo de Direito desta comarca de Montijo e 1.ª secção, nos autos de execução sumária que Emídio Henriques, comerciante desta vila de Montijo, move contra o executado ANTÓNIO AUGUSTO DA CRUZ, casado, proprietário, residente nesta vila de Montijo, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Montijo, 7 de Outubro de 1957

Verifiquei:

O Juiz de Direito.

Octávio Mendes Garcia

O Chefe da 1.ª Secção,

António Paracana

José Dias

— Fabricante de caldeiras de destilação de aguardente e de cortiça. Encarrega-se também de modificações nas usadas.

Informa Manuel de Sousa, R. da Barrosa — N.º 45 — Montijo.

Aluga-se

— FABRICA de CORTIÇA, com o respectivo alvará de preparação de prancha.

Informa R. Damião de Pinho — N.º 64, em Montijo.

Paliteiros em prata

— COMPRO. Rua Bernardo Passos, 7 - 1.º E. - Bairro Arco Cego - Telef. 770618 - LISBOA.

Perderam-se

— Uns ÓCULOS graduados, de senhora, desde a R. Manuel José Nepomuceno (via Praça 1.º de Maio) à Praça da República.

Dão-se alvíssaras.

Informa-se nesta redacção.

Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro

Esta prestimosa Sociedade deslocou-se ao Seixal, no dia 6 do corrente, a fim de abrilhantar as festas da inauguração da sede da União Seixalense, sua congénere dessa vila.

Efectuou ali um concerto com o seguinte programa: Cavalry of the stepps — marcha; Scheherazade (1.º e 2.º andamentos), de Rimsky Korsakoff; Sansão e Dalila, de S. Säens; Dança do Fogo, de Manuel Falla; Danças do Príncipe Igor, de Borodine; Rapsódia de Agueda, de Rui Coelho; e «Cartaxinho», p. d. de Baltazar Manuel Valente.

Este concerto resultou brilhante, sendo o seu regente, Maestro António Gonçalves, e os executantes da Banda entusiásticamente aplaudidos.

A 1.º de Dezembro foi portadora duma saudação impressa, dirigida à sua congénere e ao povo seixalense, a qual fez distribuir na mesma ocasião, o que foi motivo de aclamações recíprocas.

Cumprimentamos e felicitamos a nossa Banda por mais este êxito.

No Salão de festas desta Sociedade, realiza-se no próximo Domingo, 13 de Outubro, outra *soirée*, abrilhantada pela Orquestra Eldorado, que vai constituir maisum notável êxito. Os bailes desta colectividade distinguem-se sempre, e a frequência e a animação impõem-nos à consideração do meio associativo.

Morreu quando trabalhava

Na passada terça-feira, dia 8 do corrente pelas 9,45, quando o pedreiro António Brito, de 44 anos, natural de S. Brás de Alportel e residente em Montijo, se encontrava no cimo da abóbada dum armazém em construção, com 10 metros de altura, pertencente à «Iniciativa Montijense», sita na estrada velha e próximo ao pocinho das Nascentes, essa abóbada ruiu e arrastou juntamente com ela o inditoso operário. Após ter dado entrada no hospital subregional de Montijo, para onde foi logo conduzido, o infeliz pedreiro faleceu.

Deixa viuva a sr.ª D. Irene da Silva Carvalheira e um filho de 13 anos, António José Carvalheira Brito.

O funeral realizou-se no dia seguinte, para o cemitério local.

Apresentamos os sentidos pêsames de «A Província» à família do extinto.

Indústria

— Cede-se ou sócio vendas aseguradas, lojas e armazéns. Reduzido maquinismo.

Resposta a este jornal.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 10 — *Giraldes*
6.ª-feira, 11 — *Montepio*
Sábado, 12 — *Moderna*
Domingo, 13 — *Diogo*
2.ª-feira, 14 — *Giraldes*
3.ª-feira, 15 — *Montepio*
4.ª-feira, 16 — *Moderna*

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 10; (Para 12 anos), o *filme* em Vista Vision, «O Santo do Ringue», com Paul Douglas, John Derek, Jody Lawrance e César Romero. Em complemento, o *filme* em Tecnicolor, «A Mulher da Jamaica», com Ray Milland e Arlene Dahl.

6.ª feira, 11; (Para 12 anos), a pedido a sensacional *reprise* de Alfred Hitchcock em Vista Vision e Tecnicolor, «O Homem que Sabia Demais», com James Stewart e Doris Day. No programa, complementos curtos.

Sábado, 12; (Para 17 anos), o *filme* em Superscópio e Tecnicolor, «O Filho de Sinbad». Em complemento, «Horas Amargas», com Teresa Wright e Mac Donald Carey.

Domingo, 13; Último espectáculo neste cinema. O *filme* em Vista Vision e Tecnicolor, com Charlton Heston e Ann Baxter. «Esquece o meu Passado». No programa, complementos curtos.

CINEMA 1.º DE DEZEMBRO

5.ª feira, 10; (Para 17 anos), a linda Carmen Sevilla no assombroso *filme*, «A Ferazinha Amansada», em Gevacolor e Agfacolor. No programa, lindos complementos.

Sábado, 12; (Para 17 anos), «O Crime da Rua 99», o melhor *filme* do grande actor John Payne. Em complemento, «Repudiada», com Yvonne Sanson e Amedeo Nazzari.

Domingo, 13; (Para 17 anos), o maravilhoso *filme* em Tecnicolor e Cinemascópio recentemente estreado no Tivoli, «A Felicidade não se Compra». No programa lindos complementos curtos.

2.ª feira, 14; (Para 17 anos), o *filme* de aventuras em Tecnicolor, «Chegou a Tua Hora», e o *filme* musical com as maiores atracções do mundo: Paris «Lido», Folies Bergères, Nova York, Londres e Berlim, «A Dança das Estrelas».

4.ª feira, 16; (Para 12 anos), o *filme* de aventuras na selva, «A Lança Vermelha», e a grande aventura dos mares em Tecnicolor, «O Corsário dos 7 Mares», com John Payne.

BOTELHO DE MELO
Médico
Estagiário de Oftalmologia nos H. C. L.
Consultas: 3.as, 5.as, e Sábados.
Das 16 h. às 18,30 h.
Praça da República, 63
MONTIJO

Columbofilia

(Continuação da página 4)

bais aves há muito dadas como desaparecidas em competição, porque raramente aparecem aves extraviadas, e as baixas durante a campanha são numerosas.

Para já, a ideia está lançada. Oxalá encontre abrigo junto de quem de direito, atenuando anomalias consideradas um perigo latente para todos os amadores.

Eduardo dos Santos Bacto

Perdeu-se

— RELÓGIO de cavalheiro, desde a Avenida D. João IV até ao mercado.

Dão-se alvíssaras.

Informa-se nesta redacção.

Ecos da Festa Associativa da Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense e da homenagem ao seu fundador, sr. Manuel Soares Póvoas

Por falta de espaço, não nos foi possível incluir no nosso número transacto as palavras expressamente escritas pelo nosso amigo sr. José Joaquim Ferreira Oleiro, e destinadas à sua leitura na sessão de homenagem efectuada no no último domingo, dia 29, na festa de encerramento do 8.º aniversário da sua fundação e homenagem ao seu prestimoso fundador, sr. Manuel Soares Póvoas, natural do vizinho lugar do Samouco, as quais passamos a transcrever, da mensagem que enviou para a mesa:

— «Ao sabermos desta justa homenagem ao Ex.mo Sr. Manuel Soares Póvoas, nosso conterrâneo, não podíamos deixar de comparecer a esse acto de consagração, não só por ser um dedicado filho do Samouco, mas especialmente pela sua elevada conduta moral e grandes sentimentos, que criaram no ânimo dos seus conterrâneos um apreço difícil de igualar.

Maior regozijo nos causa ainda esta digna homenagem fora do seu torrão natal, o que nos vem comprovar melhor que não é em vão que o consideramos.

Espírito afável e trabalhador que, para atender ao bem comum, desprezou muitas vezes os seus interesses individuais, e o servia com a sua inteligência e labor, sem o propósito de qualquer recompensa.

Colhido de surpresa por esta homenagem e carência de tempo para melhor exprimir as íntegras qualidades do nosso homenageado, me subscrevo com apreço.

De V.

Atenciosamente

O Presidente da Junta da Freg. da Samouco

(a) José Joaquim F. Oleiro

Telefone 026 376

Para boas Fotografias

Foto Montijense

Câmara Municipal de Montijo

Exames de Admissão ao Ciclo Preparatório da Escola Industrial e Comercial de Montijo

Faz-se público que o prazo para estes exames foi prorogado até ao dia 15 de Outubro corrente.

Todos os esclarecimentos são prestados na Secretaria Municipal.

O Presidente da Câmara,

a) José da Silva Leite

Concurso de Prognósticos de Futebol

Resultado do 2.º cupão publicado em 26 do mês findo

Não houve nenhum concorrente que acertasse em todos os resultados

Concorreram — 265.

Só se aproximaram em 12 resultados — 16 concorrentes

Prémio atribuído para este cupão:

Ao que acerte em todos os resultados

1.500$00

Em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

E agora todos ao grande Concurso de Prognósticos

Regras

I — Os concorrentes deverão enviar pelo correio ou entregar pessoalmente na redacção deste jornal (Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18) o cupão inserto neste jornal.

II — Este cupão deverá ser preenchido com os prognósticos dos resultados dos desafios nele indicados e bem assim o nome e morada do concorrente, por forma legível, sem o que não serão considerados.

III — O referido cupão deverá ser entregue até às 12 horas do Domingo em que os jogos se realizem.

IV — No preenchimento dos cupões, não interessa expressar os resultados pelo número de golos marcados ou sofridos por cada clube, mas, únicamente, a aposição de uma das três letras (D. V. ou E.) à frente do nome dos clubes consoante se lhes atribua, respectivamente *Derrota*, *Vitória* ou *Empate*.

V — Semanalmente será atribuído um prémio de 1.500$00, ao concorrente que acerte em todos os resultados.

VI — Desde que dois ou mais concorrentes acertem na totalidade dos resultados será o prémio dividido quando possível em partes iguais.

VII — Todos os leitores do nosso jornal poderão concorrer.

VIII — Cada concorrente terá o direito de utilizar o número de cupões que quiser, desde que os cupões sejam devidamente preenchidos.

IX — Os prémios semanais serão atribuídos (entregues pessoalmente ou enviados) na semana seguinte ao número em que saírem publicados.

X — Quando um jogo ou mais ficarem adiados por qualquer motivo imprevisto, os cupões só serão considerados depois de conhecidos todos os resultados dos jogos indicados no respectivo cupão.

XI — Os cupões serão publicados com uma semana de antecedência aos jogos, a fim de que os leitores fora de Montijo possam concorrer.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 4

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Provincia»

2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Vila Real	Leixões	Montijo	Olhanense
Gil Vicente	Vianense	Coruchense	Almada
Sanjoanense	Guimarães	Atlético	Serpa
Marinhense	Tirsense	Juventude	Portimonen.
Covilhã	Peniche	União Sport	Arroios
Boavista	Leões	Farense	Estoril
Espinho	Chaves	Beja	Portalegre

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão

Salgueiros .... **Belenenses** ....

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

«A Província» **Cupão N.º 4**

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo, 20

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Coruchense, 2 - Montijo, 1

Campo: Horta da Nora, em Coruche.

Árbitro: Décio de Freitas, de Lisboa.

CORUCHENSE: José Maria; Faustino e Luís António; Rocha, Bailão e Alfredo; Foguete, Izabelinha I, M. Jorge, Manaia e Izabelinha II.

MONTIJO: Redol; Valentim I e Valentim II; Santana, Manuel Luís e Feijão; Romeu, Ernesto, Serralha, Mora e José Paulo.

Pouca história tem este jogo para desenrolarmos qualquer crítica. No entanto pouca coisa diremos, para que possamos dar satisfação à massa associativa montijense, e mais sendo montijense. Para boa e clara verdade dos factos já os jornais da especialidade o relataram, mas isso não nos interessa; somos montijenses e isso diz tudo.

Sabemos e muito bem que não temos equipa para grandes cometimentos, mas não podemos admitir que a mesma equipa, jogando no terreno do adversário, se remeta a uma defesa, — se é defesa! Aquilo foi tudo menos jogar futebol; nem defesa, nem ataque. De quem é a falta? Tudo depende com certeza de quem manda.

Entretanto, reservamos a nossa opinião. Erro de substituição, viu-se! Como se compreende que se substitua um «defesa» e um «interior» por dois médios de ataque? Não obstante, respeitamos as tácticas do conhecimento dos técnicos, aguardando para melhores ocasiões o nosso reparo, por acharmos inconveniente a ocasião. Este jogo de Coruche já por tradição não costumamos ganhar, mas isto do passado domingo já não foi a tradiçao que imperou, foi sim a nossa colocação no terreno que assim nos obrigou a perder.

De quem foi a culpa? Ponderem os responsáveis.

Como de início desta crónica se disse, que *pouca história tem*, ficamos por aqui, e à espera que erros desta natureza não se repitam. Fracos sim, mas ao menos demonstremos que ainda somos montijenses com garra... o que não se viu.

Porque é que oito dias antes isso se observou contra o Atlético e agora desapareceu? Entregamos a resposta a quem de direito. A arbitragem foi muito boa, contribuindo para tanto a boa correcção das equipas.

Repórter X

BASQUETEBOL

Almada, 30 - Montijo, 79

Jogo efectuado em Almada no passado domingo, dia 6, a contar para o Campeonato Regional (1.ª jornada).

Sob a arbitragem dos srs. Frederico Sobral e Berardo Soeiro, alinharam:

ALMADA: (12 cestas e 6 lances livres transformados em 20 tentados), Costa (2), Henrique (2), Lopes, (2) Acácio (19), Eduardo (2) e Amaral (3).

MONTIJO: (34 cestas e 11 lances livres transformados em 29 tentados), Américo (1), Adriano (2), Pinto, Tomás (29), Teodemiro, José Maria (26), Heitor e Elisiário (21).

Ao intervalo 12-35.

Nós tínhamos previsto o triunfo do «cinco» montijense.

Mas também é verdade que não previramos a facilidade com que ele se desenhou.

Se no princípio do encontro houve equilíbrio, 6-4, 6-6, 6-8 e 8-8, logo a seguir aos 8-10 teve o Montijo uma arrancada que foi decisiva: 10 cestas sem resposta.

O resultado ficou em 8-28 e daí até final foram só facilidades.

— Exibindo um basquetebol rápido, em que a boa combinação no contra-ataque do trio Elisiário - Tomaz - José Maria tinha papel preponderante, a equipa foi acumulando pontos até chegar à marca que se pode considerar «record» para o Montijo.

Não se julgue, porém, que se jogou bem, embora pareça paradoxal.

Houve um pormenor que foi flagrante: a falta de ligação no ataque planeado.

Contra equipas como a do Almada somos de opinião que depois de uma diferença de pontos que nos livre de qualquer percalço é preferível tentar disciplinar o jogo (mesmo que se prejudique a marcação) a dar-se oportunidade a dois ou três elementos de brilharem mas só em rasgos individuais.

Além destas anotações na equipa montijense, temos que nos referir ao que se passou em Almada no capítulo de lances livres.

José Maria em 8 tentativas converteu 6 e falhou 2 — tem um saldo positivo de 75%.

Tomás em 16 falhou 13 e converteu 3. Há um saldo negativo de 81,3%.

Exímio meia-distância, Tomás tem que se treinar muito no lance livre porque a desproporção agora verificada é muito grande e poderia ser prejudicial à sua equipa.

Referimo-nos agora à equipa almadense.

São demasiado frágeis, não fisicamente, note-se.

A sua maneira de jogar é um tanto ou quanto primitiva, e dos seus componentes só Acácio nos mostrou possibilidades quanto a lançador de meia-distância.

Pelo que fomos informados, alguns elementos da turma almadense foram atacados pela epidemia da moda e como tal não puderam dar o seu valioso concurso. Mas mesmo assim...

A arbitragem esteve regular. Não existiram transcendências a resolver.

No passado sábado dia 30-9-57, teve lugar no recinto do Luso no Barreiro a final do Torneiro de Abertura.

Disputaram-se os seguintes jogos:

(de 20 minutos)

Mundet 19 - Seixal 21

Barreirense 38 - Montijo 21

Final (tempo regulamentar)

Barreirense 101 - Seixal 25

Luciano Mocho

Columbofilia

Pombais clandestinos

Nós, provincianos, que vivemos neste laborioso torrão muito populoso, que se chama Montijo, deparamos de vez em quando, pela leitura dos jornais e revistas da modalidade, com artigos sobre pombais clandestinos. São unânimes em afirmar que este mal, que não é de hoje mas de sempre, representa um cancro para a columbofilia e o túmulo de muitas esperanças perdidas.

Na nossa modesta opinião, incongruências desta natureza existem por todo o país, e afirmamos sem receio de desmentido, que existem pombais que à sombra de obrigarem aves anilhadas, portanto legalizadas, abrigam alados à margem da lei. Sobre este aspecto, não é raro depararmos com amadores que chegam ao cúmulo de inutilizar, para a competição, aves estranhas que lhes entram no pombal, cortando-lhe as anilhas, e guardando-as religiosamente para a reprodução, sem saber a origem, sendo muitas vezes vítimas das suas nefastas acções, pois o descalabro é inevitável, porque os descendentes são muitas vezes autênticas nulidades. Em columbofilia os «erros» acontecem com frequência, devido a má fé de alguns dos seus servidores.

Aconteceu não há muitos dias que, acidentalmente no mercado do Bulhão, no Porto, deparei com uma jaula de pombos vulgares e correios desanilhados. Fiquei perplexo com tal arrojo, e disse à vendedora, que não era legal e estava violando a lei de protecção ao pombo correio, e contribuindo para o degeneramento da espécie.

Muito tranquilamente, a vendedora me informou que as aves pertenciam a um genro que estava filiado numa sociedade do Porto, e por aqui se ficou.

O Porto, que se orgulha de ter a primazia no desporto columbófilo, deve-se envergonhar destas irregularidades, admitindo em plena baixa a venda de aves desanilhadas, devendo-se punir as pessoas ligadas às transacções. Haja em vista que irregularidades muito semelhantes são consentidas em Lisboa, permitindo-se nos aviários vender aves anilhadas a pessoas não filiadas, aumentando o caudal de pombais clandestinos.

Permitimo-nos fazer ligeiras considerações sobre tão momentoso assunto. Em nossa opinião, tais abusos são estimulados pela nula fiscalização nos pombais filiados, particulares e clandestinos, pelas entidades superintendentes do nosso desporto, que são a Federação, Comissões Distritais, e Sociedades Columbófilas. Evere-dando inicialmente pela aplicação das medidas que se impõe, isto é, respeitando a rigor o que está preceituado neste aspecto, afigura-se-nos que muitos amadores terão a alegria de ver voltar aos pom-

(*Continua na página 3*)

O Coreto de Sarilhos Grandes

é inaugurado no dia 13

No próximo domingo, 13 do corrente, é, finalmente, inaugurado o coreto daquela localidade

O sr. Governador Civil, sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, chega àquela freguesia montijense pelas 14 horas, a fim de proceder a essa inauguração. Estarão presentes a Câmara Municipal, a Junta de Freguesia de Sarilhos, a Banda de Sarilhos e a Democrática de Montijo (esta, oferecendo-se gentilmente para tomar parte nas festividades), Delegação da 1º de Dezembro, de Montijo, colectividades, Imprensa, convidados etc.

Haverá também um beberete para solenizar o acontecimento após as cerimónias.

Daqui felicitamos a Direcção da Banda de S. Grandes, composta pelo sr. José Bento Tomás, presidente, José Augusto Machado, vice-presidente, Custódio Alegria Machado, 1.º secretário, Gil de Oliveira, 2.º secretário, António Diogo Carregosa, tesoureiro, José Laurindo de Jesus Machado e Raúl de Jesus Machado, vogais —, pelo melhoramento que vai ser inaugurado, e bem assim todo o povo da simpática e progressiva freguesia, desejando-lhes constantes prosperidades.

UNIDADE DA IMPRENSA

Por - Alfredo Cândido

(Continuação da 1.ª página)

estranha ao patrocínio de grandes empresas, não tendo no rés do chão nenhuma agência de negócios, não exercendo uma indústria e não fazendo festas de benefício, a «Pequena Imprensa», informa, educa, instrui, defende e serve os interesses da terra, abrindo as suas colunas aos poetas que surgem na vida cantando com as flores róseas da sua mocidade, e àqueles que se iniciam nas letras ajustando a harmonia das palavras ao vivo pensamento dos seus ideais. Foi nas colunas da «Pequena Imprensa» regional que entraram no mundo, e acertaram os primeiros passos, todos os grandes poetas e prosadores do século passado.

Procurando converter em realidade os desejos da Imprensa Regional, um grupo de pessoas sempre dispostas a servir uma causa ou uma ideia, foi designada para constituir uma Associação dentro ou fora do Estado Corporativo, começando por se avistar com o presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas. Nós não ignorávamos que há mais de 25 anos — antes de mudar de dominó — o Sindicato era hostil a qualquer organismo da Imprensa Regional, não diária; porém, fomos recebidos pelo velho amigo, actual presidente, com palavras de simpatia e amizade, manifestando-nos a melhor deligência em constituir-se dentro do Sindicato um «Núcleo» da Imprensa Regional que podia reunir numa das suas salas, pagando a respectiva quota, e pronto. Sem direito a voto, sem direitos! Estes reservam-nos aos jornalistas da imprensa diária. Para os da não diária, os deveres como entretenimento das suas almas generosas. Eis os benefícios que se oferecem àqueles que, *sendo jornalistas por que escrevem em jornais, sem limitações geográficas: Nem ao menos o reconhecimento do princípio de unidade aconselhável!*

Sempre que alguém fala na criação de qualquer organismo de imprensa regional, ouve-se logo o toque de sentido para os lados de Camões. Os nossos amigos, em vigília, abrem-nos os braços e as portas duma sala, para acolhedoramente nos dizerem: — Vinde com o pagamento duma quota, far-se-á a união espiritual e a felicidade colectiva! Mas a união exige — dizemos nós, a igualdade equivalente de direitos dentro do Estado Corporativo!

Vieira já no fim do século XVII observava aos fiéis: — na terra, no ar e no mar, os grandes procuram comer os pequenos. «Mesmo assim, a «Pequena Imprensa» aplaude e felicita o «Diário de Notícias».

TOMAR

(Continuação da 1.ª página)

Da praça central, dominado pela estátua de Gualdim Pais, observei durante quase uma tarde inteira aquela linda procissão de benfazer.

O espectáculo era magnífico e o cortejo, embora de paz, não tinha qualquer côr particular que não fosse o bem estar dos que sofrem nas camas do hospital de Tomar.

Ó bela Tomar, linda cidade do Nabão, onde as lavadeiras risonhamente batem a roupa nas pedras do seu río, como és bela entre as mais belas, como eu te adoro!

Aníbal Anjos

SANFER, L.DA

SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Fotofilme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos Fotográficos
Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

Estremoz

Os Bombeiros Voluntários vão adquirir uma Auto-Maca

Dado o custo elevado da nova viatura, que é de 120 contos, a Direcção e Comando dos Bombeiros Voluntários apelaram para a generosidade e sentimentos altruistas da população da cidade, distribuindo uma circular e pedindo o seu valioso auxílio, a fim da aquisição se realizar com mais possibilidades.

Esperamos, portanto, que todos os bons Estremocenses ajudem a sua Corporação de Bombeiros, na aquisição da nova unidade, que ainda não possui e que diàriamente lhe é solicitada.

Uma Corporação de Bombeiros sem ambulância, para transporte de feridos e doentes, não está à altura de desempenhar cabalmente as suas funções, especialmente em casos de emergência e de certa gravidade.

Por este facto desejamos ao Comandante Abílio Augusto Maleitas Júnior que a sua ideia seja coroada de grande êxito, porque, valorizando a sua Corporação, eleva também o bom nome da cidade de Estremoz.

5 de Outubro

Os democratas desta cidade comemoraram a gloriosa data da Implantação da República em Portugal.

A cerimónia constou de alvorada, às 8 horas da manhã, com morteiros ao hastear a Bandeira Nacional no edifício da Câmara Municipal.

A's 12 horas e ao pôr do sol, a repetição de morteiros e foguetes, no rossio Marquês de Pombal.

Em Férias

Encontra-se de férias na F. N. A. T. na Caparica, o nosso estimado amigo e assinante sr. João Sabino de Matos. — (C.)

Fundão

O amigo e complacente leitor não conhece o Fundão, pois não?

Ou conhece apenas de passagem e talvez já de alguns anos atrás...

Pois se tiver oportunidade, venha até cá, mesmo em excursão que seja, — essa moderna fórmula de conhecer outras terras em conta gotas. Venha, que nós temos a certeza de que não se arrependerá. Certamente que aproveitará os melhores meses, como aconteceu este ano a milhares de turistas que por aqui passaram.

Creia que o Fundão não não é só a Gardunha luxuriante que regala a vista (e já é muito), bordejando a estrada nacional e com a sua admirável floresta. Nem mesmo apenas as grandiosas perspectivas da Estrela com a Covilhã e Tortozendo em cenário de moldura. O Fundão é muito mais do que isso. É a sua piscina situada em local deslumbrante e que este ano teve uma afluência extraordinária. (Caso curioso: nota-se nas gentes vindas de fora, procurarem aos naturais como podem visitar a piscina. Não querem perder o ensejo por pouco tempo que seja.)

E ainda os seus magníficos mercados semanais de segundas feiras, que juntam uma multidão em vai-vem. É o seu conjunto, enfim, de vida plena em progresso que lhe dá o ar duma terra que sente em si o palpitar estuante. É muito breve o seu novo teatro-cinema virá juntar ainda uma nota mais de avanço na esteira das merecidas realizações que ùltimamente tem sido um surto sem parança.

Venha, pois, amigo doutras terras, que nós, como insuspeito, não lhe mentimos. (C.)

N.º 75 Folhetim de «A Província» 10-10-957

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

E o certo foi que a Ermelinda já afastava as cortinas para o ver passar, já correspondia aos seus sorrisos, e por fim já se debruçava da janela até ele desaparecer lá em baixo.

E o certo foi que, às duas por três, já o esperava na escada e ali estava com ele o tempo que sobejava das refeições.

A vizinha, no segredo da paixoneca, rejubilava. Via «a menina» melhorar todos os dias, com melhor côr, melhor aspecto, cantarolando e remexendo a casa, alegre e contente, e aquecia por seu lado: — Minha filha! Cautela. Não se abra tanto. É preciso disfarçar... não vá o outro desconfiar da fartura. O António anda mesmo perdido de todo! — O tolo!

E no fim da semana, quando o sr. Morais apareceu, a Ermelinda fez-se macambúzia e mais doente, para o confundir e para que não lhe tocasse «nem com um dedo».

— Não *le* suportaria «uma festa» que fosse, e muito menos qualquer tentação ou desejo...

O ódio aumentava sempre; e até o ouvir-lhe a voz era como se levasse, a cada som, marretadas no peito que esmagassem a respiração!

Na outra semana, foi «a cabeçada».

Magicava de dia e de noite no caso, estava perdida também.

— Assim comàssim, o que tinha que ser, tinha muita força! Não podia mais! Seria o que Deus quisesse...

E com uma pequena trouxa de roupa, — só coisas que lhe pertenciam —, em tremuras de ansiedade e volúpia, despediu-se da vizinha com beijos lambuzados e chorincas, entregou-lhe as chaves do ninho, e partiu.

O António esperava-a à esquina, inquieto, emocionado, febril.

E lá foram para o novo lar.

Quando no sábado o sr. Morais chegou, «deu por paus e por pedras»! Queria sair em busca dos infames, e «que os rebentava a tiro», «que nunca lhe tinham feito o ninho atrás da orelha», «que aquela cabra havia de lhe pagar com língua de palmo»...

Por fim, aquietou-se com os conselhos da vizinha Palmira e resolveu votá-los ao desprezo, — ao maior desprezo!

A intervalos, ainda blafesmava:

— E fui eu tirá-la daquela estrumeira para receber esta paga! E tenho a conta do médico e da botica às costas... é claro.

— São umas atrevidas, sr. Morais, umas descaradas sem vergonha de qualquer raça, — comentava a sr.ª Palmira. Eu nunca lhe quis dizer nada, porque enfim, não me interessa a vida alheia, nem parecia bem ir meter-me onde não era chamada; mas muitas vezes dizia cá para mim: — Mal empregadinho senhor numa pécora destas! Isto anda tudo doido, mê senhor! As das aldeias inda pior. Quando algum homem faz caso delas, encrespam-se e fazem-se umas toleironas que até metem nojo! Se não for assim alguma recatada, vivendo em sua casa, debaixo das saias da mãe, o resto é uma cambada!

E mandou-lhe a filha mais velha para tratar da ceia e de quanto fosse preciso...

Remoendo a broa, já mais conformado, o sr. Morais concluia:

— Ora.. deixá-lo. O melhor comi eu... e parece-me que não fiquei mais mal servido!

* * *

Quando se soube na aldeia do insulto apoplético que atacara a *ti* Tomásia, a indignação subiu de ponto.

A gente velha era a pior.

(CONTINUA)

RECREIO E DESPORTO

O Desporto e o Recreio CONJUGAM-SE?

Dois desportistas, dois dirigentes das duas modalidades, e ambos directores da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, falam para «A Província» neste interessante inquérito.

Por - Ribeiro Nunes

Aproveitámos o intervalo duma festa, numa popular colectividade de Campo de Ourique, onde presentes dois ilustres desportistas directores e com responsabilidades no meio recreativo, até porque, fazem parte da Federação respectiva...

Em primeiro lugar ouvimos Jaime Franco, um elemento que não necessita apresentação, pois é sobejamente conhecido, não só como Presidente da Assembleia Geral da Central Recreativa, como vulto de grande valor no Atlético Clube de Portugal, que nos afirmou:

— Ao contrário do que muitos militantes do Recreio afirmam e defendem, o Desporto em nada tem contribuído para as dificuldades e mal estar que atingiu, há um certo tempo a esta parte, as colectividades de recreio. Entre várias razões, tais como: maiores encargos, quer oficiais, quer particulares, quanto a nós, o principal motivo está no alheamento quase total dos sócios dessas colectividades, o que é possível por mercê da evolução dos tempos, em que todos fogem de trabalhar desinteressadamente.

Arriscámos duas perguntas:

— O Desporto e o Recreio conjugam-se?

— Ambas as modalidades andam de mãos dadas?

— Sim! E compreende-se que assim seja, pois que se fosse feito um inquérito a todos os sócios das sociedades de recreio, verificaríamos que a sua maior percentagem é sócia ou simpatizante de vários clubes desportivos existentes no País. Nestas condições, as sociedades de Recreio, dentro da sua acção, são agremiações onde essa população desportiva passa o seu tempo, recreando-se em ambiente próprio, aproveitando-se das festas que essas mesmas colectividades organizam, tais como espectáculos, bailes e, ainda utilizando-se das muitas bibliotecas dispersas no meio recreativo.

Depois de Jaime Franco, Manuel Furtado...

Manuel Furtado, é, igualmente, uma personalidade no meio, pois sendo Presidente da Assembleia Geral da Sociedade União do Beato também é «gente grande» no Clube Oriental de Lisboa — um dos baluartes da fusão —. Respondeu e disse-nos:

— No panorama geral, não há dúvida que o Desporto prejudica o Recreio, porque a juventude caminha com mais vontade para o que é mais emotivo (neste caso o futebol), do que para a parte mais educativa, e neste campo é essencialmente o Recreio. Torna-se, portanto, necessária a captação das camadas jovens, fazendo destes futuros homens que sirvam a sociedade, homens íntegros, com a plena consciência dos seus deveres.

Foi assim que, dois dirigentes federativos, dois desportistas «da mais fina água», e dois recreístas dos mais devotados, realizaram os seus depoimentos para o nosso jornal.

N. B. — Brevemente apresentaremos uma interessante entrevista com o Secretário Geral do Futebol Clube de Lisboa, — delegação do Futebol Clube do Porto, na capital, sr. Francisco Candeias.

Ribeiro Nunes, registando as opiniões dos srs. Jaime Franco, Presid. da Assembleia Geral da Fed. das Col. de Cultura e Recreio, delegado do Atlético Clube de Portugal e Manuel Furtado, director da mencionada Federação e delegado do Clube Oriental de Lisboa. Ao fundo, as taças conquistadas pela Sociedade Filarmónica «Alunos de Apolo»

Os VISTOS nos passaportes

Lemos há dias um indignado artigo a este respeito. O articulista verberava acremente a maçada dos «vistos», o que tem o nosso absoluto acordo.

No que dizia respeito à França, verberava também a exigência dos nossos «vistos» consulares aos turistas franceses que se destinam a Portugal, citando até a quantia exigida por essa formalidade.

Neste ponto é que estamos em desacordo.

Que se abolissem esses «vistos», como já o fez a Espanha, a Itália e a Suiça, estaria certo; mas que essa medida fosse também extensiva aos portugueses que se dirigem a França.

Se em França se exige aos turistas franceses que vêm para Portugal esse «visto» e essa quantia, igualmente no nosso país se exige o «visto» e a quantia para os que de Portugal se dirigem para França.

Não vá supor-se, em face do aludido artigo, que é sòmente do nosso lado que isso se pratica. O tratamento é igual.

Falamos por experiência própria.

Acabe-se, pois, com semelhante exigência, mas dum lado e do outro.

Quem lesse o artigo e não conhecesse esta identidade de procedimento, seria induzido em erro.

Nós queremos muito aos turistas franceses, (os factos o demonstram a toda a hora); é preciso, porém, a recíproca atitude, — a que temos indiscutível direito.

E assim é que está certo...

Publicações Recebidas

— «Plateia» — N.os do 148 a 156. Revista cinematográfica. Director - Baptista Rosa. Rua Saraiva de Carvalho, 207, Lisboa.

A revista «Plateia» continua a marcar seu lugar inconfundível na imprensa da especialidade.

Os números referidos mais uma vez o atestam.

As capas, os sumários, as ilustrações, — nomeadamente as «separatas» —, são suficientes elementos para o provar.

Agradecemos a remessa regular dos exemplares que temos recebido e, com as desculpas pelo atraso nas devidas referências (consequências das férias...), fazemos votos pelas constantes prosperidades da popular e interessante revista de Cinema.

— «Mercado Filatélico», Revista Mensal — N.os de 92 a 98. Director — Artur O. de Vasconcelos. Administração: rua de Santo António - 190 - 1.º - Porto.

Para os coleccionadores, e até para os estudiosos, o «Mercado Filatélico» constitui a revista ideal que, profundando os assuntos desse curioso sector, vai acompanhando o movimento português e de todo o mundo interessado.

É de aconselhar, portanto, a sua aquisição a quantos dedicam a sua atenção a esses assuntos, pela meticulosidade e abundância de pormenores com que a revista ilustra as suas páginas.

Com o mesmo pedido de desculpa pelo atraso destas referências, confessamo-nos muito gratos pela remessa dos exemplares aludidos.

Valério da Fonseca
Fabricante de apoios de borracha para todas as marcas de automóveis
Rua da Aldeia Velha, 42
MONTIJO
Rua França Borges, 52
LAVRADIO

PELA IMPRENSA

— O «Eco do Funchal», que se publica nessa cidade e de que é Director José da Silva, deu-nos a honra de transcrever a crónica do nosso Director intitulada «Os atrevidos».

Esta transcrição deu-se no seu N.º de 23 do mês passado.

Muito reconhecidos, agradecemos a gentileza.

— «Gazeta das Caldas», de que é Director e Editor Júlio Lopes, completou 32 anos de existência com seu n.º 1322, de 1 do corrente.

Cumprimentamos e felicitamos pelo aniversário, desejando-lhe longa vida e contínuas prosperidades.

— «Voz do Sul», colega que se publica em Silves e pelo qual temos a maior simpatia, completou no dia 5 deste mês 43 anos de existência. Com as nossas saudações fraternais, vão também os nossos votos de infinitas venturas pelos tempos fora.

— Completou 38 anos de existência «A Voz da Serra» de que é Director Ferreira Matias e se publica em Seia.

Daqui cumprimentamos o nosso colega, afectuosamente, desejando-lhe prolongada vida de inúmeras felicidades e venturas.

Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui...fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedaços deste Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Hino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos; «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos.

Pedidos à Redacção de «A Província».

Um sorriso...

O autor dramático, num acesso de expansão, para o antigo e fiel criado:

— Olha, António, sabes? Estou muito satisfeito. Acabei agora mesmo o meu drama.

E o criado, sèriamente compungido:

— Pois é mais feliz do que eu, patrão, que ainda me falta encerar a escada, o corredor e o quarto dos hóspedes!